

CLEMENTE IVO JULIATTO

CARTAS A COLABORADORES DE ESCOLAS



CLEMENTE IVO JULIATTO

CARTAS A COLABORADORES DE ESCOLAS

 PUCPRESS

Curitiba
2020

©2020, Clemente Ivo Juliatto
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremiski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

Editora PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Revisão: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Diagramação: Rafael Matta Carnasciali

Impressão: Reproset Indústria Gráfica

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amassis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat
Rua Imaculada Conceição, 1155
Prédio da Administração - 6º andar
Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. +55 (41) 3271-1701
pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

J94c Juliatto, Clemente Ivo
2020 Cartas a colaboradores de escolas / Clemente Ivo Juliatto. – Curitiba :
PUCPRESS, 2020.
208 p. ; 21 cm. (Coleção Sabedoria em Cartas, v.4)

Inclui bibliografias
ISBN 978-65-87802-19-0
978-65-87802-26-8 (e-book)

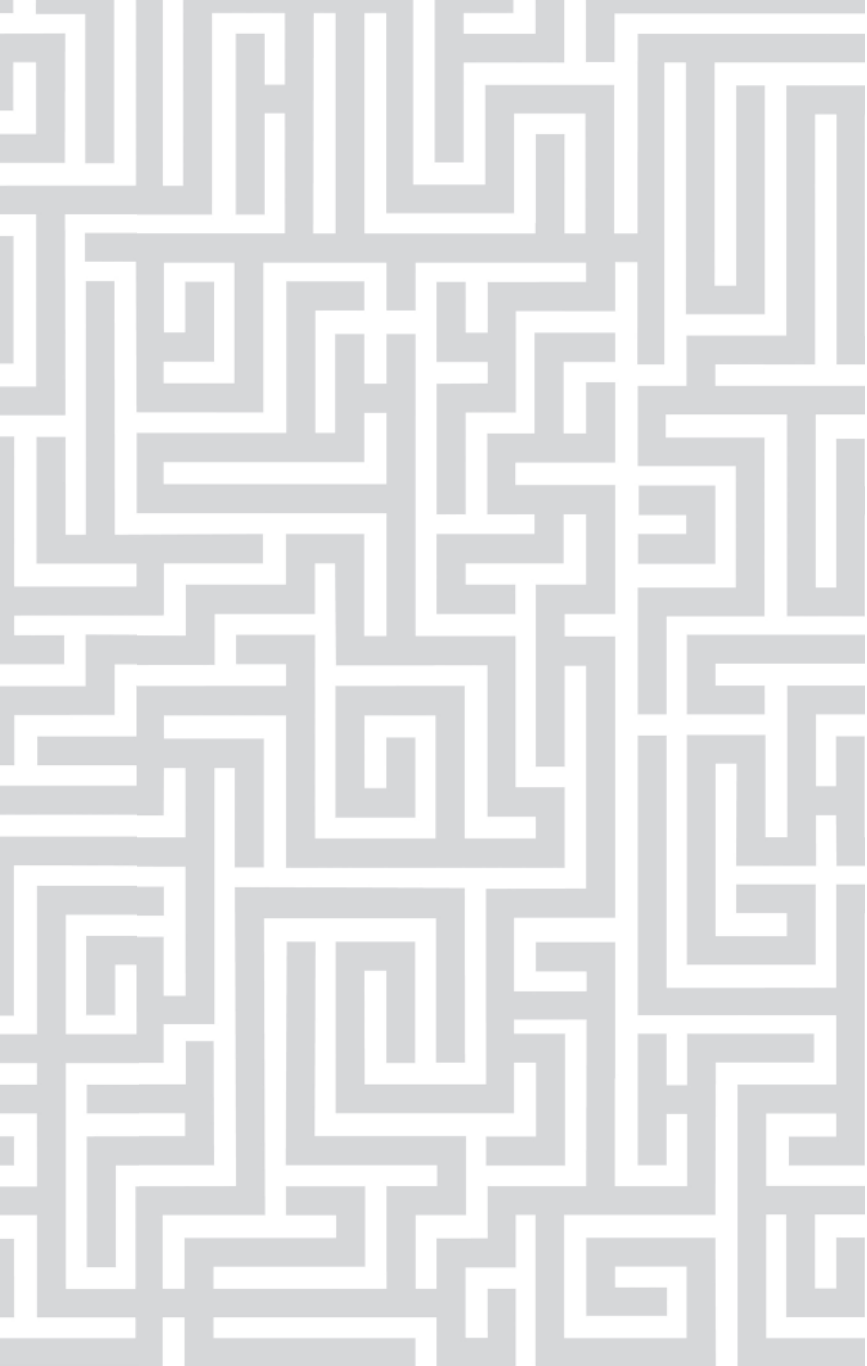
1. Orientação profissional. 2. Escolas – Organização e administração.
3. Educação para o trabalho. 4. Funcionários de escolas – Formação.
5. Trabalhadores – Educação. I. Título.

20-047

CDD 20. ed. – 371.425

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por manter-me vivo e com saúde; a todos quantos leram os originais desta publicação; aos que deram sugestões para a boa apresentação e melhoria deste livro; aos diagramadores; ao autor do Prefácio; à PUCPRESS que resolveu publicar esta obra.



SUMÁRIO

Agradecimentos | 3

Prefácio | 7

Introdução | 11

Carta 1 – Além de colaborador, seja também educador | 13

Carta 2 – Em que consiste a verdadeira educação | 21

Carta 3 – É importante trabalhar numa instituição educacional | 27

Carta 4 – Pratique sua religião | 31

Carta 5 – Respeite a mãe natureza | 37

Carta 6 – Aprimore-se sempre mais | 45

Carta 7 – Trate bem todos os seus clientes | 51

Carta 8 – Quando a instituição precisar, colabore | 59

Carta 9 – O que distingue o bom colaborador | 65

Carta 10 – Fale sempre a verdade | 75

Carta 11 – Cuide bem do material à sua disposição | 83

Carta 12 – Pratique os valores da instituição | 89

Carta 13	– Cuide do setor como se fosse de sua casa	95
Carta 14	– Respeite seus superiores	99
Carta 15	– Não se considere melhor que seus colegas	105
Carta 16	– Seus clientes também podem errar	109
Carta 17	– Oriente seus colegas, quando necessário	115
Carta 18	– Nunca deixe algo errado acontecer	121
Carta 19	– Melhore sempre o seu setor	125
Carta 20	– Não seja ‘reclamão’	131
Carta 21	– Aja sempre com boa educação	135
Carta 22	– Seja sempre uma pessoa confiável e amiga	141
Carta 23	– As vantagens de estar empregado	147
Carta 24	– Colabore quando necessário	153
Carta 25	– Avalie-se continuamente	157
Carta 26	– Aproveite bem seu horário de trabalho	161
Carta 27	– Não se aproveite dos colegas	165
Carta 28	– Não seja ‘puxa-saco’ de ninguém	169
Carta 29	– Esteja ciente de suas obrigações	173
Carta 30	– Uma instituição educacional	177
Oração do colaborador-educador		181
Deveres do colaborador-educador		183
Direitos do colaborador-educador		185
Referências		187
Sobre o autor		207

PREFÁCIO

Começo por colocar o leitor na ponderação do pensamento peregrino de bem conhecido e importante pedagogo nacional: “*Ninguém educa ninguém*”. A primeira impressão pode ser de escândalo e pessimismo, no sentido de que a pedagogia fica totalmente desfigurada e dessorada. Seria destruir a filosofia dos dois maiores modificadores da cultura humana: *o mestre* e *o aluno*. O dedo do *Homo sapiens* primitivo apontava a Lua, ao passo que o descendente dele, após 1969, usa o dedo e a mão para passar a segunda marcha no jipe astronáutico, para deslocar-se na superfície da Lua, na busca de modestos cascalhos que, retornados à Terra, vão ser guardados no museu, para ulterior estudo, ensino e pesquisa dos homens, *mestres* e *alunos* do futuro. Quem permitiu tamanha diferença do trabalho da mão e do dedo do *Homo sapiens*? A formidanda diferença deles foi efetivada pelos dois maiores revolucionários da espécie: *o mestre* e *o aluno*. A frase provocadora é poética em sumo grau; ela visa à compreensão de profundidade, para confirmar a aprendizagem, condenação sem fim do mestre

e aluno da humanidade de sempre. Tal aprendizagem de subido preço só pode ser de incorrigível proficiência, se for levada a cabo pela dupla *mestre* e *aluno*, mas somente quando eles se olham com empatia e interesse, ambos sintonizados para bem apreciar os dados do problema e buscar a solução. Ambos estão energizados para conseguir o resultado que permite assegurar a diferença entre as temáticas desafiadoras e a consequência feliz do passo correto, que vai permitir o humilde avanço de outros infintos avanços do disparado dominó intemporal desenvolvimento humano.

Colha-se a oportunidade agora do briguento desafio contrário: "*Todos a todos educam e ensinam*". A provocação, pois, não parece menor. Na sala, no pátio da escola ou no longo e bem orientado passeio, os dois teimosos revolucionários em tela, *mestre* e *aluno*, de modo diverso, podem continuar o seu afazer interminável e profissional, até mesmo com maior interesse e talvez com maior efeito e inspiração, porque a descontração de um e outro vai permitir gestos diferentes de curso e discurso, de empatia e simpatia muito mais pessoalizadas. A briga e tentativa perpétua de *erro* e *acerto* podem adensar ou multiplicar o alimento do espírito, ao catalisar melhor arranjo das temáticas com que se logrem novos avanços, novas luzes, isto é, novas e mais corretas convicções do contraditório panorama desses *erros* e *acertos*. Não falta sequer, em termos de ensino e aprendizagem, os sinais do tempo; mas nunca se esqueçam os sinais algébricos *mais* e *menos*, vale

dizer, o sim e o não, o bem e o mal. O *mestre* e o *aluno* são imperfeitos; todo o homem é imperfeito. O poeta moderno português Fernando Pessoa ousou escrever: “*A perfeição é inumana*”, o que comporta nítido e generoso repto. A aprendizagem e o ensino podem sofrer desvios maiores e menores; podem conhecer retornos felizes e infelizes, no curso e no discurso, como na ação e na omissão. O calendário da vida avança fatal, sempre e no rumo único da frente.

Como o homem é mortal, o decisivo é o fim, porque o fim coroa a obra, *finis opus coronat*. Ocorre que o homem é infindamente mais *imortal que mortal*, em termos bíblicos, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento. O espírito humano não morre. Em sumário grosseiro, o bom ladrão mudou revolucionariamente o seu sinal algébrico *menos*, que foi urgentemente corrigido para *mais* pelo aproveitamento pressuroso do fim, com que conseguiu coroar a obra da sua penosa vida, plenificada e santificada pela graça. Ele soube utilizar bem os derradeiros e decisivos instantes. Ele admoestou caridosamente o velho colega de culpa. Teve a inspiração de bem valorizar o Autor da graça, o Filho do Homem Jesus, colega de todo diferente. No duro sofrer da cruz, valeu-se da sua consciência e da sua liberdade, para a mudança estratégica, em face do grande exemplo, que o ensinava pela heroica paciência e luz transcendente. O Mestre era perfeito por ser o Deus Humanado. O ladrão era grave e confessamente imperfeito. A sua conversão, porém, foi perfeita; mudou o sinal algébrico da sua triste profissão.

Com o influxo da graça, formulou singelo pedido a quem tudo podia; veterano e egrégio profissional, teve a surpresa apocalíptica de haver roubado o paraíso.

O modesto funcionário do estabelecimento escolar exerce variadas atividades, em geral fora do ensino acadêmico ou científico do mestre tarimbado. Ainda assim, retome-se a segunda filosofia, que se insere na seguinte provocação: *“Todos a todos educam e ensinam”*. O operoso e dedicado funcionário pode ensinar pelo exemplo, pontualidade, responsabilidade, caridade, sobretudo cumprindo bem e criteriosamente as ordens da administração. Ele pode concorrer com o ensino e com a educação formal, porque a sua função implica também ensino, educação e responsabilidade. O clássico *aprender a aprender* atinge qualquer setor para o funcionário de carreira: na secretaria, no pátio, na cantina, no começo e no fim do recreio, de modo que sobram oportunidades de ensinar o múltíplice *aprender a aprender*. O universitário, segundo o professor Clemente Ivo Juliatto, como reitor e escritor de uma vintena de livros, preconiza sempre que qualquer universitário tem o direito e o dever de se diplomar em dois simultâneos comprometimentos vitalícios: *formando de beca* e *pessoa de bem*. Como fica o modesto funcionário do estabelecimento? Cuidado, ele também deve dobrar o título profissional vitalício, para tornar-se excelente pessoa no *procedimento e no serviço*.

Prof. Virgílio Josué Balestro

INTRODUÇÃO

Este livro foi pensado como colaboração aos funcionários que trabalham nas escolas e nas instituições educacionais. Foi escrito com muito carinho para aqueles que prestam esse importante serviço na educação. Sabemos que sem o bom serviço de apoio na escola ou numa instituição educacional, toda a educação fica comprometida.

O livro aborda o trabalho dos colaboradores e fala de suas pessoas, de suas atitudes e de suas obrigações e direitos. Traz até uma pequena oração. Pretende demonstrar a importância do que os funcionários realizam e insiste sobre algumas qualidades fundamentais que eles precisam desenvolver e apresentar.

Desse modo, esta publicação visa a contribuir para a formação e educação desses profissionais. Procura fornecer elementos que os ajudem a bem executarem seu trabalho e a se conscientizarem de seu papel fundamental na escola ou na instituição educacional.

Vem relatados alguns episódios vividos ou imaginados para ilustrar o que se escreve. São fatos que

servem de reforço e inspiração ao texto, colocados no final das cartas. O relato de um fato ou de uma pequena história, verídica ou não, sempre traz algo para ensinar. Algumas vezes, são até esquecidas as recomendações feitas no texto, mas não as historinhas. Bem sabemos que, ao serem lembradas, relembram as recomendações feitas.

Ao escrever para este segmento importante dos funcionários ou colaboradores de uma instituição educacional, normalmente esquecido, o autor pretende contribuir e ser útil não só a eles, mas à educação em geral.

Quem escreveu ficará muito satisfeito se as sugestões e recomendações propostas neste despretenso livrinho forem aplicadas, o que demonstrará a sua pertinência e propriedade. Nesse assunto, muitas coisas já foram pensadas e ditas. Aquelas aqui tratadas, todas ficam no campo do bom senso. Muitas delas são conhecidas e algumas até repetidas porque são importantes.

Pitágoras aconselha algo bem importante a quem escreve: “Cala-te, ou diga coisas que valham mais do que o silêncio”. Sabe-se também que é verdade o que escreveu Shakespeare: “o êxito de um bom dito depende mais do ouvido que o escuta do que da boca que o diz”. Para alegria de quem escreve, ser ouvido é muito bom.

O autor.

Carta 1

ALÉM DE COLABORADOR, SEJA TAMBÉM EDUCADOR

*É uma pena que muitos, podendo tanto,
se atreveram a tão pouco.*

Albert Camus

Prezado professor,

Além de ser colaborador de uma escola, procure no seu trabalho diário ser bem mais do que isso: seja também um educador. Você já sabe o que é educar. Como diz o pensador francês Michel de Montaigne, “educar uma criança não é como encher um vaso, mas como acender uma fogueira”. Montaigne fala de criança, mas você pode pensar em todo o estudante matriculado numa escola, seja criança, seja adulto. Outro pensador francês, Jean Guilton, define estudante como um título que só se perde na tumba. Saiba que isso vale também para você.

Não é à toa que você labuta numa escola. E escola é um lugar de educação, lugar muito especial,

lugar privilegiado mesmo. Isso pode ser afirmado, sem nenhum medo de se estar exagerando. Na realidade, a escola não é uma instituição como as outras. É muito mais. Você escolheu trabalhar numa escola. Certamente, foi porque alguma coisa o chamava para lá. Você queria usar sua vida e seus esforços em favor de algo fundamental e bom para a sociedade. Sem dúvida, não foi somente em vista de fazer um trabalho qualquer, foi por bem mais do que para estar empregado e, assim, ganhar seu dinheirinho no fim do mês.

Aproveite, então, esta chance que você tem, pois muita gente gostaria de possuir o seu emprego, trabalhando numa instituição assim. Também muita gente gostaria de poder dizer à sua família – como você pode – que dedica seus esforços em prol do bem e que está fazendo um trabalho maravilhoso, um dos principais trabalhos que existem na sociedade. Você está usando os seus esforços para melhorar o mundo, contribuindo para ajudar a sociedade a ter, no futuro, um povo mais consciente, mais educado, não apenas para se sustentar e criar uma família, o que já não é pouco, mas para que existam pessoas melhores.

As crianças são como uma *“tabula rasa”*, uma tábua rasa, uma página em branco. Recebem e aceitam tudo o que lhes oferecemos, absorvem as nossas influências tanto para o bem, quanto para o mal. O que lhes for mostrado ou ensinado será aprendido e praticado. É por isso que citamos em nossa 1ª. Carta o pensamento de Victor Hugo: “Quem abre uma escola,

fecha uma prisão”. Tal conclusão sempre foi verdadeira. Era verdadeira no tempo de quem a proferiu e é ainda hoje, em nosso querido Brasil, principalmente.

Em finais de 2017, o famoso maestro paulista João Carlos Martins, que foi um extraordinário intérprete de Johann Sebastian Bach, talvez o maior de todos, teve uma experiência ímpar com presos, que depois contou em artigo de jornal. É bastante conhecida a situação desse maestro, pela qual, no passado, como grande virtuose, viu-se impossibilitado de continuar tocando piano, por problemas ocasionados por uma paralisia em suas mãos. Foi então que começou o seu calvário e, ao mesmo tempo, o seu árduo caminho de superação. Cirurgias, exercícios, fez de tudo quanto estava a seu alcance. Tudo em vão, mas não tanto. Para compensar seu grande amor pela música, resolveu tornar-se maestro. Fundou, em São Paulo, a Orquestra Bachiana Filarmônica e já deu muitos concertos por toda a parte. Tornou-se um exemplo vivo de força de vontade e de superação.

Conta o artista que estava no Complexo Penitenciário de Bangu, no Rio de Janeiro, falando para cerca de 300 detentos, sobre o filme recém-lançado *João, o Maestro*, um documentário sobre sua vida. Enquanto falava, notou a emoção e as lágrimas nos olhos de muitos ouvintes, impressionados com o seu exemplo e coragem em superar a própria deficiência. Deu-se conta, então, de que a educação é fundamental para todo o ser humano. Reconheceu o maestro num artigo, publicado no jornal

Folha de São Paulo: “o maior problema do Brasil chama-se educação, que automaticamente está ligado à cultura”. E se perguntava: “Por que nós não seguimos outros países que têm como objetivo primeiro a educação, resultando numa evolução fantástica como exemplo de nação”.¹

De fato, a educação resolve a questão básica da orientação comportamental humana. A boa escola faz uma diferença enorme na orientação e na vida das pessoas. Os bons princípios, assimilados enquanto criança ou jovem, duram a vida inteira. Você tem o privilégio de estar vinculado a uma escola frequentada por futuros cidadãos. Contribua, então, para a boa formação de todos os alunos!

É ainda Victor Hugo quem nos ensina: “Não há nem más ervas nem pessoas más. Só há maus cultivadores”. Não seja você, de jeito nenhum, um desses maus cultivadores! Aproveite o que você sabe e o passe também aos estudantes. O escritor americano Mark Twain diz: “É nobre ensinar a si mesmo; é mais nobre ensinar aos outros”. Confúcio, grande pensador chinês, complementa: “Se não sabes, aprende; se já sabes, ensina”. A nossa Cora Coralina, famosa poetisa goiana, escreveu: “Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

As crianças e os jovens são o nosso futuro, o futuro do nosso mundo. Procure interessar-se por eles

¹ MARTINS, J. C. *João, o maestro*. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 set. 2017. p. A3.

em casa – se os tiver – no seu bairro, na sua cidade, na sua escola. Cuide bem deles, sempre e com muito carinho, é claro. Assim, você estará ajudando a sociedade e a humanidade, garantindo a existência de um mundo melhor e mais feliz, porque só assim ele terá gente de melhor qualidade. Lembre-se sempre do que disse o fabulista latino Fedro: “Por seres grande, nunca desprezes os pequenos”.

Lembre-se também do que escreveu Paulo Freire, um dos grandes educadores brasileiros: “Todo o educador é educando e todo o educando é educador”. Aproveite o conselho desse educador e aperfeiçoe-se quanto puder.

Certamente, em sua escola, você também conhece algumas crianças ou jovens um tanto difíceis. Eles são assim, ou melhor, se tornaram desse jeito, em geral, após terem experimentado algum mau tratamento. São gente que, na maioria das vezes, gosta de se mostrar desobedientes, de fazer a própria vontade, de contrariar os outros, de demonstrar que estão revoltados e insatisfeitos contra o mundo. São resmungões e grosseiros. Nas salas de aula, esses elementos se juntam e fazem questão de pertencer à “turma do fundo” – aqueles que procuram o fundo da sala, ficam dormindo nas aulas e não estão nem aí com o que fala o professor, por melhor que ele seja.

Colabore você também na recuperação desses desajustados. Há muitos exemplos de recuperação dessa gente, que assim ficou, geralmente, devido a alguma má experiência do passado. O seu bom exemplo de

educação e de boas maneiras em tratá-los bem será fundamental para isso. Você logo perceberá que eles não são tão maus quanto parecem!

Para concluir esta carta, deixe-me contar-lhe o caso de um colaborador exemplar que muito contribuiu para o bom resultado de sua escola. Trata-se de Francisco Gárate.

Francisco Gárate

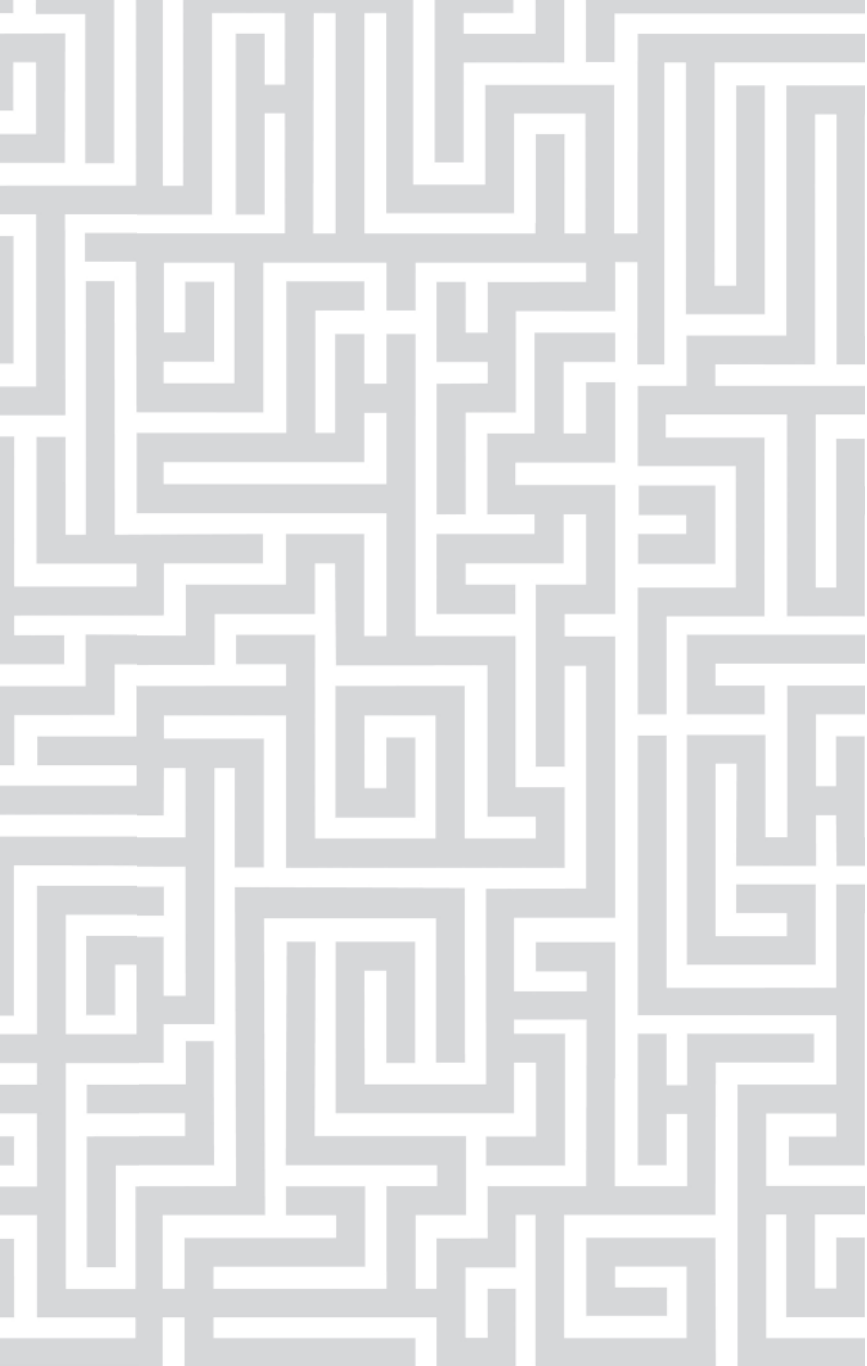
Ele foi porteiro durante 41 anos de uma escola da Espanha. Trabalhou na Universidade de Deusto, em Bilbao, no País Basco. Viveu de 1857 a 1929.

Tratava com muita cortesia tanto professores quanto estudantes que, obrigatoriamente, passavam pela portaria, o caminho natural de ingresso naquela universidade. Cumprimentava a todos com um sorriso nos lábios e se interessava por eles.

Como consequência, era até notório; quando algum estudante, professor ou funcionário desejava conversar sobre alguma questão pessoal — porque tinha algum problema, ou por qualquer outra razão — não ia procurar um psicólogo, nem um maioral da universidade. Vinha procurar Francisco Gárate, que sempre tinha alguma palavra simples, mas apropriada e de boa orientação.

Sua fama tornou-se tão grande, que até o Vaticano, em Roma, o declarou bem-aventurado.

Em sua escola, seja como Francisco Gárate! Ajude a quantos estudantes você pode com um gesto ou uma palavra de incentivo ou de compreensão. Distribua, então, sem fazer muito alarde, amor e compreensão a todos os que se achegam a você. Lembre-se sempre de que em suas mãos está uma parcela importante do futuro da sociedade.



Este livro contém orientações para a educação e o trabalho dos funcionários ou colaboradores das escolas. Todos eles, sem exceção, são também educadores. Todos ajudam a escola, no setor onde trabalham, no grande propósito de educar, pois suas atitudes e seu desempenho também influenciam os estudantes. O trabalho de educação, quando feito em sintonia por todos os setores da instituição, torna-se eficaz para os estudantes.

Por meio de 30 cartas, o autor aborda importantes lições aprendidas durante a sua larga experiência como educador. Traz, igualmente, pensamentos de bons especialistas que se ocuparam do assunto.

Estas cartas são úteis também para quem estuda ou trabalha com educação. Elas não precisam ser lidas na ordem proposta.